

Se no terreno político e social os princípios do liberalismo têm sido uma inútil e onerosa superfecundação, não será pela experiência de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia com a nossa realidade. Poderemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de restar um mundo de essências mais íntimas que, esse, permanecerá sempre intato, irredutível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à lei do fluxo e do refluxo, por um compasso mecânico e uma harmonia falsa. Já temos visto que o Estado, criatura espiritual, opõe-se à ordem natural e a transcende. Mas também é verdade que essa oposição deve resolver-se em um contraponto para que o quadro social seja coerente consigo. Há uma única economia possível e superior aos nossos cálculos para compor um todo perfeito de partes tão antagônicas. O espírito não é força normativa, salvo onde pode servir à vida social e onde lhe corresponde. As formas superiores da sociedade devem ser como um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas. Há, porém, um demônio perverso e pretensioso, que se ocupa em obscurecer aos nossos olhos estas verdades singelas. Inspirados por ele, os homens se vêem diversos do que são e criam novas preferências e repugnâncias. É raro que sejam das boas.

*"Nossa revolução"
Sérgio Buarque de Holanda**

* Fragmento de *Raízes do Brasil*. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p. 142.

AS RAÍZES E SEUS USOS TÓPICOS*

Marco Antonio Maschio Cardozo Chaga **

Há um fato narrado por Sérgio Buarque de Holanda em *Visões do paraíso* que serve como ilustração para pensarmos em uma possível genealogia das raízes brasileiras, que tanto assombraram o colonizador. O Frei Antonio do Rosário, escrevendo sobre as frutas brasileiras, faz um pedido ao Rei com o seguinte teor: "de jabuticabas livre Deos aos pastores do rebanho de Christo; são como uvas ferrais, tem raízes fora da terra".¹ O horror do Frei às jabuticabas é explicado por Sérgio Buarque:

"a razão alegada dessa incompatibilidade vinha de que, sendo a cobiça raiz de todos os males, e sendo tão públicas na jabuticabeira e tão notadas as suas raízes, só poderia isso representar interesses demasiados e insaciáveis cobiças".²

As raízes públicas da jabuticabeira, que desvendavam os mistérios do *Novo Mundo*, faziam parte de uma nova paisagem que importava "não tanto por aquilo que aparentavam, mas sobretudo pelo que pareciam anunciar ou dissimular".³

Comparando o grau de reflexão que nutre a sedimentação histórica entre a cultura brasileira e a da Argentina, Silviano Santiago escreve:

"Talvez seja correto afirmar que a memória histórica no Brasil é uma planta tropical, pouco resistente e muito sensível às mudanças

* Esse texto foi produzido para o curso *Leituras orientadas* ministrado pelo Prof. Raúl Antelo. Agradeço a leitura crítica e as correções sempre pertinentes da Profa. Ana Luiza Andrade.

** Doutorando em Literatura Brasileira e Teoria Literária — UFSC.

¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visões do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 241. Ver também "Estilo e método na obra de Sérgio Buarque" In: DIAS, Maria Odília Leite da Silva. *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura (Arquivo do Estado)/USP, 1988.

² Idem. *Ibidem*, p. 241.

³ Idem. *Ibidem*, p. 241.

no panorama sócio-econômico e político internacional. Uma planta menos resistente e mais sensível do que, por exemplo, as nascidas na Argentina, terra natal de Funes, o memorioso”.⁴

Essa seria mais uma manifestação das salientes raízes da jaboticabeira, que nutre uma formação histórica peculiar, que principia em seu esboço o nascimento de um espaço de nuances desprovido de território. Sendo desterritorializada na base, essa história acaba sendo composta por um jogo complexo de remissões e de referências, não tanto à original Europa, mas sobretudo ao ideário da passagem e da viagem (da *atravessia* do mar): rumo à terra de riquezas e de conquistas.

Ao mesmo tempo que as raízes indicavam a existência de um cenário paradisíaco e infernal (a exuberância da natureza e o terror das práticas antropofágicas e infiéis dos habitantes da terra), elas também anunciavam um terreno que necessitava de construções e elaborações discursivas capazes de fornecer a compreensão do passado mais remoto dos conquistadores civilizados. As raízes assustavam porque colocavam estes homens diante de seu avesso. Criando um espaço onde todos os tipos de excessos poderiam ser permitidos, as raízes constituem-se como balizas metafísicas definindo o indefinido. Desse modo, as fronteiras deste território destituído de nacionalidade e de memória se assemelha, em última instância, às fronteiras de um deserto.

“(...) Nessa designação de território [segundo Beatriz Sarlo] podem se ler vários significados culturais: qualifica-se de deserta uma extensão física que é somente natureza; mas é deserto também um espaço ocupado por homens cuja cultura não é reconhecida como cultura, no caso dos índios. Essa segunda acepção de deserto tem em sua base uma ampla e vitoriosa operação ideológica cuja coroação é precisamente a chamada ‘conquista do deserto’ (...)”⁵

Ao contrário da nossa vontade, ao longo da história brasileira os exemplos de movimentos de denúncia contrários aos ideais de conquista e revestidos por um desejo de construção de um ideário nacional não foram muitos e tomaram rumos diversos na literatura e na vida política brasileira. Entretanto, no final da década de vinte começa a se desenhar e tomar forma um dos livros fundamentais para a compreensão de uma atualidade brasileira que parece padecer através de um processo contínuo e

⁴ SANTIAGO, Silviano. “Democratização no Brasil — 1979-1981 (Cultura versus arte)” In: ANTELO, Raúl *et al.* (org.) *Declínio da arte/Ascensão da cultura*. Ilha de Santa Catarina: ABRALIC/Letras Contemporâneas, 1998, p. 22.

⁵ SARLO, Beatriz. “Na origem da cultura argentina” In: *Folhetim*, n. 504, *Folha de S. Paulo*, 5 de outubro de 1986, p. 8.

exaustivo.⁶ Em 1929, ao mesmo tempo que Sérgio Buarque chegava em Berlim para preparar uma série de reportagens, para *O Jornal* do Rio de Janeiro, sobre a situação política na Alemanha, Polônia e Rússia, ele lia talvez o primeiro exemplar da tradução brasileira⁷ do *Ulysses* de Joyce, escrevia sobre os versos de Eliot, revirava a obra de Plotino, Rilke, Goethe e freqüentava sem muita regularidade um curso ministrado por Max Weber. De acordo com Antonio Candido, este é o pano de fundo no qual Sérgio Buarque "imaginou um livro de interpretação da sua terra. Tinha vinte e oito anos, e *Raízes do Brasil*⁸ começava a germinar".⁹

Seja por meio do estilo ou do método, seja em virtude de seu idealismo ou por causa da distância que guarda dos dogmatismos teóricos, *Raízes do Brasil* nasce clássico, visto que condensa uma elaborada crítica da formação cultural do Brasil. Escrevendo sobre o estilo de Sérgio Buarque, Maria Odila Leite da Silva Dias¹⁰ observa a necessidade de operar a partir da releitura dos seus textos como processos de interpretação históricos relativizados.

É presente em *Raízes do Brasil* uma série de edificações discursivas planificadas e paralelas que marcariam sem muita hesitação o esboço de elementos nos quais poderíamos reconhecer uma crítica cultural incipiente, embora o leitor deva ser advertido das vinculações e direcionamentos sobre o método e o estilo desfrutado por Sérgio Buarque. O método de análise histórica do autor é fruto da historiografia emergente na década de trinta, que se caracterizava através de uma perspectiva histórica não oficial e que não aceitava os padrões historiográficos dominantes, que primavam por abordagens das figuras proeminentes da política da época, na mesma trilha dos trabalhos de Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr. e, mais conservador, de Gilberto Freyre.

Sobre o método utilizado em *Raízes do Brasil*, escreve Maria Odila:

"O historicismo¹¹ incentiva o aspecto configurativo e perspectivista do conhecimento histórico. Identificou-se com a tendência modernista

⁶ É oportuno lembrar que Sérgio Buarque de Holanda, ao lado de Antonio Candido, foi um dos fundadores (em 1980) do Partido dos Trabalhadores.

⁷ Tradução de Paulo Pedro. Cf. Antonio Candido.

⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1983.

⁹ CANDIDO, Antonio. "Sérgio em Berlim e depois" In: *Novos Estudos — CEBRAP*, vol. I, n. 3. São Paulo: julho de 1982, p. 6.

¹⁰ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura (Arquivo do Estado)/USP, 1988.

¹¹ Para Sergio Paulo Rouanet "o que o historicismo tem de válido é o método. Chamando atenção para o estudo concreto do particular, ele imuniza contra as generalizações apressadas e estimula a investigação da diferença, sem a qual a

do pensamento europeu de reinterpretação da cultura e da história humana de uma perspectiva relativista e libertária. Esta tendência de pensamento, que tem raízes no idealismo alemão do século passado, contribuiu para a crítica da epistemologia e dos critérios ontológicos universais, assim como para reduzir posturas universalizantes a seus fundamentos propriamente históricos e conjunturais ou configurativos".¹²

Munido da "concatenação discursiva alemã", Sérgio Buarque se encontrava equipado com amplos recursos metodológicos, não estava preso a nenhum sistema de interpretação excessivamente rígido (nem liberal nem comunista) ou, se quisermos, utiliza-se de elementos que constroem uma urdidura discursiva que relativiza a leitura, beirando ao sofisma metodológico. Para Maria Odila, Sérgio Buarque elabora seu texto a partir de um estilo pouco ortodoxo:

"Uma das peculiaridades do seu estilo é justamente sua capacidade de construir eixos de interpretações os mais amplos possíveis sobre conglomerados de sentido do passado; explorar múltiplos níveis de atividades em suas mútuas interseções, reconstituir a singularidade brasileira entre os diferentes povos, os regionalismos e sobretudo as tensões, as forças históricas em situação de impasse, tolhendo e dificultando a criação de novas formas de convívio ou classes sociais".¹³

Sérgio Buarque parece estranhar o cenário do colonizador como *mesmice*: um lugar que se assemelha ao do turista moderno, que se encontra no lugar certo, mas na hora errada, ou ainda, encontra-se no lugar da história, mas, ao mesmo tempo, "fora" da história.

A partir da a-história da América, rumo à elaboração de um apêndice da história ocidental, os europeus criaram uma disciplina, a antropologia, para, de certa forma, rever a história e retirar o peso da consciência do europeu, em virtude da destruição causada pelo processo de colonização nas periferias do mundo. Segundo Silviano Santiago, a antropologia acaba

"por operar um 'descentramento' importante no pensamento ocidental, pois deixa a cultura européia de ser a detentora da verdade, de manter-se como a cultura de referência, estabelecedora por excelência das hierarquias. (...) A verdade da universalidade colonizadora e etnocêntrica está na metrópole, não há dúvida; a verdade da universalidade diferencial, como estamos vendo com a

ciência seria uma fraude" (*O mal-estar na modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 61).

¹² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Op. cit.*, p. 74.

¹³ *Idem*. *Ibidem*, p. 73.

ajuda da antropologia, está nas culturas periféricas. Paradoxalmente".¹⁴

Esse é um desdobramento interessante para ser analisado mais adiante.

De acordo com Maria Odila, a marca mais profunda da produção de Sérgio Buarque se encontra em "suas posturas filosóficas relativistas", que exerceram papel preponderante na "idealização de sua obra". Dessa maneira, nem o liberalismo formal, nem o caudilhismo esclarecido, de outra forma, nem o comunismo de Astrogildo Pereira, nem o integralismo de Plínio Salgado interessavam a Sérgio Buarque. A postura de não filiação partidária, e a própria opção teórica do autor, "demonstra cabalmente", segundo Maria Odila, a preocupação modernista do autor em ser "iconoclasta com o poder cognitivo das palavras, (...) [sendo este] o aspecto mais inovador de sua obra".¹⁵

Antonio Candido adverte que o entendimento obtido através da metodologia de Sérgio Buarque é problemático e sua compreensão deve ser balanceada. Isto porque "o conhecimento obtido [através deste método, ao mesmo tempo que é] afastado do dado empírico e incrivelmente revelador permite ver num nível onde a 'compreensão' é forma quase misteriosa de penetrar no objeto estudado. Além de outros, o defeito fundamental deste método é que só quem tem genialidade pode usá-lo bem".¹⁶ Ou seja, trata-se de um procedimento histórico sofisticado, que redundava em uma preocupação com a historicidade cambiante das palavras, sendo esta elaboração refinada e erudita dos textos, o *constructo* de uma representação histórica do passado. Desse modo, o Brasil torna-se um palco no qual cruzam-se vários textos que refletem a angústia e o próprio medo dos ibéricos (não seria diferente com os italianos, poloneses ou japoneses) em resolverem suas dissoluções internas (políticas, econômicas e religiosas). Como salienta Sérgio Buarque, a Europa,

"na Idade Média, mal conheceu as aspirações conscientes para uma reforma da sociedade civil. O mundo era organizado segundo leis eternas indiscutíveis, impostas do outro mundo pelo supremo ordenador de todas as coisas. Por um paradoxo singular, o princípio formador da sociedade era, em sua expressão mais nítida, uma força inimiga, inimiga do mundo e da vida".¹⁷

¹⁴ SANTIAGO, Sílvia. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 17 e 24.

¹⁵ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Op. cit.*, p. 73.

¹⁶ Antonio Candido. *Op. cit.*, p. 7.

¹⁷ *Raízes do Brasil*, p. 6.

A colonização, portanto, é um processo arrevesado que, ao invés de proporcionar a resolução dos problemas advindos de uma quebra da unidade européia, seduzia os colonizadores e os levava em busca da aventura e da riqueza muito distante das antigas fronteiras geográficas. Vieram representar aqui, muitas vezes em forma de farsa, drama ou comédia, os problemas gerados pela quebra da universalidade de seus valores.¹⁸

Sérgio Buarque reconheceu no mérito pessoal e na *cultura da personalidade* a principal característica do bárbaro ibérico que exercita esta habilidade com a função de instaurar-se a partir de si; o bárbaro inaugura uma tradição nova sempre que supõe necessário descontinuar ou sobrepor-la à outra. Na mesma época, Walter Benjamin¹⁹ refletia sobre um paralelo semelhante. Por um lado, Benjamin apontava para as experiências desastrosas da guerra (o retorno desmoralizante dos soldados) como um marco da fragmentação da experiência vertical e a queda definitiva da sociedade ocidental barroca, aristocrática e feudal. Por outro lado, Benjamin assinalava o processo de descontinuidade que a condição moderna inaugura, engendrando uma perspectiva da experiência moderna como negatividade e como crítica da cultura. Esse perspectivismo tinha por base os restos de um processo de conquistas e dilacerações impostas através da força que foi capaz de conquistar novas técnicas, novos territórios, abrindo espaço para novas antropofagias. Em casos de extrema necessidade e "em certos momentos [nos dizem Adorno e Horkheimer], a coletividade só consegue sobreviver provando a carne humana".²⁰ Esse é um dos pontos pelos quais, para os pensadores da Escola de Frankfurt (atravessados pelos conceitos da *indústria cultural*), a cultura passou a desempenhar um papel fundamental, orientando e mediando as relações humanas até o ponto de se constituir no principal ponto de partida das interpretações que avaliam a ideologia e a política. Dessa maneira, o *éthos* se torna *páthos*, ou seja, a cultura não pode mais ser dissociada de um sintoma de decadência, e o espaço da cultura passa a se constituir como uma constelação de onde se desprendem as formas de domínio que a modernidade passou a sacralizar, por meio das formas de reprodução.

¹⁸ BENOIT, Hector. In: *Folhetim* n. 323, 27 de março de 1983, p. 3. Sobre essa questão ele escreve: "os europeus continuam pensando, como na época do descobrimento, que a América é a Ásia, e procuram aqui os místicos e exóticos aromas milenares, não percebendo que estão diante de um espelho revelador: a paródia de si mesmos".

¹⁹ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas — vol. I: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁰ ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guído Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 59.

"A barbárie [anota Benjamin nas "Passagens de Paris"] se esconde no próprio conceito de cultura enquanto tesouro de valores, e mesmo quando não é vista como independente do processo produtivo em que surgiu, é vista como independente do processo produtivo em que sobrevive".²¹

As formas residuais da cultura fortaleceram o encontro fortuito entre uma forma de barbárie e outra de decadência. Este encontro nutre os dois primeiros capítulos de *Raízes do Brasil*, que alia generalizações históricas a um estudo detido e particular do caráter do colonizador. Detenho-me, a seguir, nas principais idéias desenvolvidas com maestria por Sérgio Buarque em *Raízes do Brasil*, a fim de ressaltar a relevância de suas considerações numa abordagem da crítica cultural contemporânea.

O principal traço do homem europeu que desembarcava no Brasil foi chamado, pelo autor, de personalismo ou cultura da personalidade. A partir da elaboração de alguns conceitos em torno das formas de atuação do personalismo, aprendemos alguns princípios que regem o perspectivismo de Sérgio Buarque. Ele interpreta o culto da personalidade dos portugueses como uma forma que extrapola a esfera do maniqueísmo comum à época e consegue colocar em perspectiva a positividade e a negatividade deste comportamento. Ao mesmo tempo que o personalismo impedia a inserção do Brasil em um universo mais amplo da economia, sedimentando a dependência, o culto da personalidade produzia uma mobilidade social ainda mais exagerada do que se poderia imaginar ou observar em Portugal. Obviamente isto acontecia em virtude da flexibilidade e da própria incapacidade deste povo incipiente de reconhecer a organização: seja através do planejamento urbano, social ou econômico. A incapacidade é um fator importante porque interfere desde o início na imposição das leis (culturais, econômicas e sociais) européias.

Em "Trabalho & Aventura", o historiador reforça e sustenta a idéia inicial do livro quando analisa os objetivos que norteavam o movimento de conquista, que poderia ser resumido em uma palavra: predatório.

"Poucos indivíduos sabiam dedicar-se a vida inteira a um só mister sem se deixarem atrair por outro negócio aparentemente lucrativo. E ainda mais raros seriam os casos em que um mesmo ofício perdurava na mesma família por mais de uma geração, como acontecia normalmente em terras onde a estratificação social alcançava maior grau de estabilidade".²²

²¹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Cf. ROUANET, Sérgio Paulo. In: "Benjamin e as Passagens de Paris" *Folhetim*, 12 de setembro de 1982, p. 10.

²² *Raízes do Brasil*, p. 28.

As razões que fazem do processo de colonização um sinônimo de conquista e destruição e, ao mesmo tempo, de construção não é surpreendente. Todavia, a reprodução da história ocidental, aqui encenada sem o passado necessário, possibilita a observação de um movimento que ritualiza a história, planejando-a desde seu começo. A idéia de Beatriz Sarlo apresentada no início desta exposição (de que o território conquistado era tido como um deserto cultural) pode ser aqui retomada, já que a falta do passado histórico não pode ser refeita (nem tão pouco preenchida); a história acompanha a lapidar frase de Sérgio Buarque: "Somos, ainda hoje, uns desterrados em nossa terra".

Mais adiante, o autor coloca em regime de tensão as duas perspectivas ibéricas que colonizaram a América Latina:

"Comparado ao dos castelhanos em suas conquistas, o esforço dos portugueses distingue-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo assim o exemplo da colonização da Antigüidade, sobretudo da fenícia e da grega; os castelhanos, ao contrário, querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu. Se não é tão verdadeiro dizer-se que Castela seguiu até ao fim semelhante rota, o indiscutível é que ao menos a intenção e a direção inicial foram essas".²³

Considerando que a nossa memória histórica surge depois desse "plano" inicial, não surpreende que essa mesma memória seja caótica, preguiçosa e desprovida de maiores interesses. O Brasil surge, portanto, atravessado pelo pesadelo de ser um não lugar, e um lugar composto por desterrados em sua própria terra: atravessado por uma idéia que vai além da questão da identidade nacional e das caricaturas eurocêntricas de Ceci, Peri e Juca Pirama.

Os itinerários distintos que pautaram a atuação do *Semeador* e a do *Ladrilhador*²⁴ são simultâneos ao aparecimento da cidade como invenção e como espaço de consagração de novas formas de sobrevivência política, cultural e econômica. Significava a superposição de uma ideologia universalista da modernidade sobre as formas tradicionais de vida rural. O habitante do campo estava revestido e representava uma ideologia que visava preservar as relações já sedimentadas, tanto a política dos favores, quanto a prática do culto da personalidade.

²³ *Raízes do Brasil*, p. 64.

²⁴ Para Sérgio Buarque, *semeador* é o português aventureiro com sua ocupação litorânea desorganizada, difusa e indisciplinada; *ladrilhador* é o espanhol que mantém laços com a terra conquistada e faz desta terra uma extensão da metrópole.

No século XVIII, contudo, fazer política, ou mesmo enfrentar as novas técnicas agrícolas em um meio diferente do tradicionalismo praticado no campo, representava perder espaço no cenário político, e, além disso, arriscava-se a perder o fio condutor da "herança rural". Nesse contexto, sediar-se na cidade poderia promover e fortalecer a imagem do meio urbano e o internacionalismo embutido nessa tendência.

Em "Herança rural", Sérgio Buarque evidencia um dilema, citando André João Antonil, que em 1711 escrevia pautado na questão: educar os filhos no campo ou na cidade? No campo, os filhos poderiam se tornar tabaréus sabendo falar apenas sobre cavalos e bois; por outro lado, proporcionar-lhes a educação na cidade significaria "dar-lhes liberdade para se fazerem logo viciosos e encherem-se de vergonhosas doenças, que não podem facilmente curar".²⁵ Estas informações são pistas de como andavam as negociações entre duas posturas em tensão, visto que o dilema de Antonil persiste, agora sob o manto da família. Dessa forma, pode-se observar o quanto as origens de um pacto social entre as ideologias do campo e da cidade são efêmeras e pouco sólidas. No campo, dominavam as formas de relações pessoais que eram reforçadas constantemente, seja através do uso da coerção vertical do senhor de engenho, quanto da estratégia da "igualdade" horizontal do caudilho. A cidade era o espaço da impessoalidade.

Nesse sentido, o fato dos imigrantes não usarem a tecnologia do arado encontrava resposta em um problema técnico, já que os arados europeus sulcavam a terra com mais profundidade. No caso brasileiro era necessária uma solução intermediária, ou seja, o arado deveria sulcar a terra apenas superficialmente. Entretanto, é interessante notar que, mesmo no caso isolado do arado, a relação do homem com as novas tecnologias era mediada pelo receio destas técnicas tornarem as relações humanas impessoais. Talvez a recusa ao novo expresse um princípio que regule e caracterize uma primeira forma de distanciamento entre campo e cidade. A fronteira entre cidade e campo seria regulada pela idéia de que na cidade as estratégias de defesa do tradicional se tornaram enfraquecidas, já que o espaço do novo e da técnica é, ao mesmo tempo, o lugar da impessoalidade e da cidade.

Em "O homem cordial", destaca-se a leitura mordaz da família instrumentalizada por Sérgio Buarque. Leitura esta que talvez seja o melhor exemplo do uso da antropologia como método de interpretação histórica. Para o autor, a organização familiar nos

²⁵ *Raízes do Brasil*, p. 59.

moldes nos quais ela vinha se constituindo era o entrave mais nefasto da herança portuguesa.

"A verdade é que só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da cidade".²⁶

Sobre o *homem cordial*, Sérgio Buarque "se" explica em entrevista ao *Folhetim*, em 26 de junho de 1977. A expressão "homem cordial" foi entendida erroneamente, visto que ela não significa que o brasileiro seja "bonzinho", nem tampouco significa "cordiais saudações". Tal expressão deve ser utilizada quando nos referimos às relações ainda hoje comuns aos homens que vivem no meio rural. Sérgio Buarque esclarece que os laços no campo ainda são afetivos, e complementa explicitando o conceito de cordial: "cordial quer dizer uma ligação afetiva, negativa ou positiva".²⁷

Prosseguindo no estudo das tipologias, o autor de *Raízes do Brasil* caracteriza uma das principais tensões relativas à qualificação dos homens que iriam servir ao Estado. Surge, assim, a diferenciação entre o funcionário *patrimonial* e o *burocrático*. A contratação do funcionário patrimonial pode se originar tanto das relações pessoais, quanto do restritivo domínio familiar. Entretanto, o funcionário burocrático, capacitado e qualificado para desempenhar as funções do Estado, não existia; ele parece ser apenas uma quimera e um desejo do autor.

"Novos tempos" marca, acentuadamente, um movimento de declínio do livro. Desencantado com a realidade produzida pela história recente, Sérgio Buarque lamenta que, entre os intelectuais brasileiros, a erudição e o conhecimento estivessem tão próximos do modismo e da pura ostentação. Explicita seu desencantamento:

"É freqüente, entre os brasileiros que se presumem intelectuais, a facilidade com que se alimentam, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentam, simultaneamente, as convicções mais díspares".²⁸

Em 1982, em artigo publicado na revista *Novos Estudos — CEBRAP*, Antonio Candido evidencia uma lacuna que se manifesta na pequena recepção e pouco acolhimento, por parte da intelectualidade brasileira, do último capítulo de *Raízes do Brasil*.

²⁶ *Raízes do Brasil*, p. 101.

²⁷ Entrevista de Sérgio Buarque a Tarso de Castro. In: *Folhetim*, 26 de junho de 1977, p. 2.

²⁸ *Idem. Ibidem*, p. 113.

Para Antonio Candido, este livro e, principalmente, o último capítulo expressa uma preocupação contemporânea,

"(...) ao contrário dos numerosos ensaios políticos-sociais daquele tempo (...) Os de direita, porque representavam um agravamento dos traços individualistas e oligárquicos do passado brasileiro (...) Os de esquerda, porque eram uma repetição mecânica e ritualizada do marxismo oficial, [Nossa revolução] é ao mesmo tempo uma análise do passado (que pegou mais) e uma proposta revolucionária de transformação do presente (que pegou menos)".²⁹

Antonio Candido anunciava assim a necessidade de ampliar o raio de ação daquela parte esquecida do livro e enfatizava que era preciso desdobrarem as significações daquelas idéias incipientes. No *Mais!* de janeiro deste ano, o projeto se materializou. "A minha intenção [escreve Antonio Candido] é propor uma leitura relativamente livre, mas acho que não arbitrária, do capítulo final de *Raízes do Brasil*. Para isso, é preciso fazer algumas considerações iniciais."³⁰

As considerações iniciais traçam o perfil político de Sérgio Buarque, desde sua recusa à candidatura ao legislativo estadual no Rio de Janeiro, em 1928, pelo Bloco Operário Campônês; a resistência ao governo de Vargas; a fundação da Associação Brasileira dos Escritores; a participação no Partido Socialista, ao lado de Antonio Candido, Sérgio Milliet e Lourival Gomes Machado; até a resistência, desde o primeiro dia em que se implantou a ditadura militar de 64, que culminaria, em 69, com seu pedido de aposentadoria da Universidade de São Paulo (em mais um ato de solidariedade, desta vez, a um grupo de professores da USP que, em virtude de problemas com o regime militar, tiveram que se aposentar).

Diante da postura pública do autor, o espaço criado por *Raízes do Brasil* estava assegurado porque, ao mesmo tempo que não estava comprometido com os vícios teóricos do mecanicismo de qualquer ordem, o livro inventava um lugar do qual se poderia falar com relativa independência sendo constituído, além dos traços já acentuados por Maria Odila, pelo aprofundamento da leitura marxista, sobretudo do marxismo arejado que se afastava da linha mestra stalinista do comunismo russo. O livro inventava um lugar porque, ao lado dos livros que procuravam *explicações do Brasil*, que mantinham uma certa nostalgia da raiz portuguesa — Antonio Candido lembra os livros de Oliveira Viana e Gilberto Freyre: *Populações meridionais do Brasil* e *Casa grande e senzala*,

²⁹ *Novos Estudos — CEBRAP*. Vol. I, n. 3, p. 8.

³⁰ CANDIDO, Antonio. "A visão política de Sérgio Buarque de Holanda" In: *Mais!, Folha de S. Paulo*, 25 de janeiro, 1998, p. 4.

respectivamente —, a posição política que se manifesta em *Raízes do Brasil* difere “de qualquer saudosismo, e não se restringe à [análise] da família como estrutura de referência e procura extrair do passado uma lição que evite as posições conservadoras no presente”.³¹

Outro aspecto que deve ser enfatizado é a crítica incisiva em direção aos posicionamentos liberais de Gilberto Amado, para quem a necessidade de educar as elites brasileiras era a necessidade básica do governo. Para Gilberto Amado, não se pode falar em um povo no Brasil, são as elites que devem assumir a tarefa de guiar a política das “minorias”. (Amado entendia o povo como um conjunto de minorias). O livro contestava essas opiniões oriundas de uma espécie de despotismo esclarecido (liberalismo), ao mesmo tempo em que rechaçava qualquer movimento que primasse por dissimular as evidentes raízes que precisavam de uma ruptura imediata, capaz de liberar energia suficiente para nos levar em direção à outras formulações políticas: o socialismo, por exemplo. O socialismo, nesses moldes, é uma marca da evidência de um tipo de nacionalismo próximo, senão idêntico, ao do modernismo.

“Embora os escritores de 22 [escreve Antonio Candido] não manifestassem a princípio nenhum caráter revolucionário, no sentido político, e não pusessem em dúvidas os fundamentos da ordem vigente, a sua atitude, analisada em profundidade, representa um esforço para retirar à literatura o caráter de classe, transformando-a em bem comum a todos. Daí o seu populismo — que foi a maneira por que retomaram o nacionalismo dos românticos. Mergulharam no folclore, na herança africana e ameríndia, na arte popular, no caboclo, no proletário.”³²

Temporalmente tardio e através da ênfase nas rupturas dos encadeamentos históricos, o último capítulo deve ser lido como um manifesto que promove uma “explicação do Brasil” em tom de rompante libertário. Ao fazer isto, o autor de *Raízes do Brasil* “quebrava a tradição ‘ilustrada’, que atribuía às elites o papel permanente de tutor esclarecido do povo”.³³

É bom lembrar que, para se fazer uma revolução, Sérgio Buarque repetia Joaquim Nabuco, quando este

“dizia que em todas as revoluções, há pessoas sem as quais você pode fazer uma revolução e com as quais não se pode governar”. O Brasil foi sempre assim [retoma Sérgio Buarque] (...) na regência, os exaltados fizeram o negócio e os moderados tomaram conta.

³¹ Idem.

³² CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1985.

³³ CANDIDO, Antonio. “A visão política de Sérgio Buarque de Holanda” *Op. cit.*, p. 5.

Agora (em 1964), os moderados começaram e os exaltados, depois, tomaram conta".³⁴

"Não se pode mais hoje [escreve Sérgio Buarque em 1928 no *Jornal do Brasil*] como no tempo de Santo Agostinho, ser ao mesmo tempo e simultaneamente um cidadão do céu e da terra. E o pensamento que realmente quisser importar para a nossa época há de se afirmar sem nenhum recelo pelos seus reflexos sociais, por mais detestáveis que estes pareçam. Há de ser essencialmente um pensamento apocalíptico."³⁵

O apocalipse é a revolução e ela somente poderia ser levada adiante se houvesse em seu bojo a idéia de transfigurar a tradição familiar: quer dizer, utilizar-se do parricídio e fazer a tradição familiar funcionar contra ela mesma, ou, de outra forma, "tomar o partido de seus pais, contra seus pais".³⁶

A idéia revolucionária básica é a de contra-atacar a cultura com os próprios excessos que a sociedade produz: uma questão de perspectivismo, de postar-se diante de uma forma lacunar de manifestação. Esta forma de expressão é lacunar porque não apresenta um projeto revolucionário sistemático, nem tampouco divide o processo histórico em fases definidas (pelo contrário, o perspectivismo deve refletir sobre a dilemática formação cultural brasileira); ou seja, o ideal socialista de Sérgio Buarque se expressa através de uma formação incompleta e o seu roteiro (quando pensado ao lado dos manuais revolucionários) é assistemático e confuso. Talvez irredutível e irreversível sejam as palavras mais adequadas, pois, sobretudo a ação revolucionária, neste caso, se assemelha ao posicionamento do personagem de Guimarães Rosa que se coloca irredutivelmente à terceira margem do rio. Eis o relato que resta ao seu filho:

"Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de melo a melo, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho".³⁷

³⁴ Sérgio Buarque entrevistado por Tarso de Castro. *Folhetim*, 26 de junho de 1977, p. 2.

³⁵ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Cia das Letras, 1992, e "Sérgio Buarque de Holanda" In: *As raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Org. Francisco de Assis Barbosa. Rio Janeiro: Ed. Rocco, 1989, p. 114.

³⁶ Idem. *Ibidem*, p. 311.

³⁷ ROSA, João Guimarães. "A terceira margem do rio" In: *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 33.

A tensão política de Sérgio Buarque parece se nutrir do mesmo desejo deste senhor que se colocou fora, mas sobretudo, dentro do meio. Sérgio Buarque quer, ao que parece, provocar o socialismo, promovendo a dissolução, a transvaloração dos valores mais caros à sociedade brasileira.